

Aprende-se muito pouco aqui, há falta de professores, e nós, rapazes do Instituto Benjamenta, nunca seremos ninguém, por outras palavras, nas nossas vidas futuras seremos apenas coisas muito pequenas e subalternas. A nossa instrução visa sobretudo inculcar-nos paciência e obediência, duas qualidades que pouco ou nenhum proveito prometem. Proveito espiritual, sim. Mas o que nos dão as virtudes espirituais? Trarão comida para a mesa? Gostaria de ser rico, viajar de coche e esbanjar dinheiro. Falei a este respeito com Kraus, o meu colega de escola, mas ele apenas encolheu os ombros com desdém e não se dignou dirigir-me uma palavra. Kraus tem princípios, senta-se com firmeza na sela da satisfação, um cavalo que não serve a quem quer galopar. Desde que estou aqui no Instituto Benjamenta já consegui tornar-me um enigma para mim próprio. Também eu fui contagiado por uma satisfação extraordinária e até agora perfeitamente desconhecida. Obedeço sofrivelmente, não tão bem como Kraus, que é exímio em lançar-se, com alguma precipitação, ao cumprimento zeloso de ordens. Num ponto, todos nós alunos (Kraus, Schacht, Schilinski, Fuchs, o grande Peter, eu e outros) nos assemelhamos, a saber, na mais completa pobreza e depen-

dência. Somos pequenos, todos nós, pequenos até à indignidade. Quem tem um marco é visto como um príncipe privilegiado. Quem fuma cigarros, como eu, mete-se em cuidados pela dissipação em que incorre. Usamos farda. Ora, esta imposição a um tempo humilha-nos e eleva-nos. Parecemos pessoas sem liberdade, o que será talvez uma afronta, mas ficamos muito bem nelas, o que nos poupa à terrível vergonha daquelas pessoas que andam com roupas que são suas, sem dúvida, mas que estão rasgadas e sujas. Eu, por exemplo, considero muito agradável usar farda, porque nunca sabia bem o que havia de vestir. Mas, mesmo a este respeito, sou ainda um enigma para mim próprio. Talvez se esconda em mim um homem muito, muito vulgar. Ou talvez tenha sangue azul. Não sei. Mas uma coisa sei com certeza: serei no futuro um zero à esquerda, um zero muito redondo e encantador. Quando for velho, terei de servir jovens grosseiros, presunçosos e mal-educados, ou serei mendigo, ou morrerei na miséria.

Nós, alunos ou pupilos, temos na verdade muito pouco que fazer, praticamente não nos são dadas tarefas. Aprendemos de cor os regulamentos que aqui vigoram. Ou lemos do livro «Quais os Objectivos da Escola Benjamenta para Rapazes?». Kraus, além disso, estuda francês, só por si, já que línguas estrangeiras e coisas semelhantes não são de todo contempladas no nosso plano de estudos. Temos apenas uma aula que se repete sempre. «Como se deve comportar um rapaz?» No fundo, toda a aula gira em torno desta questão. Conhecimentos não nos são transmitidos nenhuns. Até

porque, como já disse, há falta de professores, o que significa que os senhores docentes ou educadores estão a dormir, ou mortos, ou a fingir-se de mortos, ou mesmo fossilizados, em todo o caso não sabemos nada deles. Em lugar de professores, que por qualquer extraordinária razão jazem de facto como se estivessem mortos e dormitam, quem nos ensina e toma conta de nós é uma jovem senhora, irmã do Senhor Director do Instituto, a Fräulein Lisa Benjamenta. Ela entra na sala de aulas com um ponteiro branco na mão. Assim que a vemos, todos nos levantamos. Quando ela toma lugar, podemos também nós sentar-nos. Com o ponteiro dá três pancadinhas secas e imperiosas no canto da mesa e tem início a lição. E que lição! Mas se dissesse que acho a lição curiosa estaria a mentir. Não, creio que o que Fräulein Benjamenta nos ensina é digno de todo o interesse. É pouco e repetimo-lo sempre, mas talvez se esconda um segredo por trás de todas estas coisas que não valem nada e que nos fazem rir. Que nos fazem rir? Nós, alunos do Instituto Benjamenta, nunca temos vontade de rir. Os nossos rostos e maneiras são muito sérios. Mesmo Schilinski, que é ainda uma criança, raramente se ri. Kraus nunca, e, se não o consegue evitar, só uma gargalhada breve, ficando depois zangado por se ter permitido um tom tão contrário aos regulamentos. No geral, nós alunos não gostamos de rir, o que quer dizer que quase já não somos capazes de rir. Faltam-nos a alegria e o descuido necessários. Será que me engano? Sabe Deus, por vezes a minha estada aqui parece-me um sonho incompreensível.

O mais jovem e pequeno entre nós pupilos é Heinrich. Somos involuntariamente benevolentes para com esta jovem criatura, sem sequer pensarmos nisso. Ele fica muito quieto em frente às vitrines das lojas, absorvido na contemplação dos artigos e das guloseimas. Depois muitas vezes entra e compra um doce por um *sechser*. Heinrich é ainda uma criança, mas fala e comporta-se já como um adulto de fino trato. Traz sempre o cabelo impecavelmente penteado, com o risco muito direito, e merece por isso o meu louvor, já que neste ponto tão importante sou muito desmazelado. A sua voz é tão fina como o chilrear delicado de um pássaro. Quando falamos com ele ou vamos juntos em passeio, envolvemos-lhe inconscientemente os ombros com o nosso braço. Tem a postura de um comandante e é tão pequeno. Não tem carácter pois ainda não sabe o que isso é. Seguramente ainda não reflectiu sobre a vida, e para quê? É muito gentil, solícito e cortês, mas sem consciência. Sim, como um pássaro. Em tudo reconhece o que lhe é familiar. Um pássaro estende a mão quando a estende, um pássaro anda assim e está assim. Tudo no Heinrich é inocente, tranquilo e feliz. Quer ser pajem, diz. Mas di-lo sem pretensões impróprias, e sem dúvida o ofício de pajem é o mais certo e indicado para ele. A finura do trato e da sensibilidade aponta para uma direcção e, vejam, atinge o alvo justo. Que experiências irá ele ter da vida? E atrever-se-ão experiências e conhecimentos a impor-se a este rapaz? Não se envergonharão as desilusões amargas de o inquietar a ele, tão delicado? Noto sobretudo que ele é um pouco frio, não há nele nada de intempestivo ou desafiador. Se calhar, não se dará sequer conta de muito,

muito daquilo que o poderia abater, nem sentir  muito daquilo que lhe poderia roubar a despreocupa o. Quem sabe se terei razão. Em todo o caso, gosto muito, mesmo muito, de fazer estas observa es. Heinrich   até certo ponto desprovido de entendimento. Esta   a sua boa fortuna e s  o podemos invejar. Se ele fosse um príncipe, eu seria o primeiro a ajoelhar-me   sua frente e a prestar vassalagem.   pena.

Que comportamento estúpido o meu quando aqui cheguei. Comecei por me indignar com a pobreza da escadaria. Claro, são escadas normais de entrada para as traseiras de uma casa numa grande cidade. Depois toquei   campainha e uma criatura simiesca abriu-me a porta. Era Kraus. Na altura tomei-o por um macaco, ao passo que hoje o prezo muito, graças às suas qualidades pessoais. Perguntei se podia falar com Herr Benjamenta. Kraus disse: «Com certeza, meu senhor», e fez uma v nia profunda e tola. Esta v nia invadiu-me de um medo sinistro, e disse logo a mim mesmo que qualquer coisa não estava bem. E a partir desse momento tomei a escola por uma intrujice. Fui levado até ao director. Que vontade tenho de rir quando penso na cena que se seguiu! Herr Benjamenta perguntou-me o que queria. Respondi-lhe timidamente que queria ser seu aluno. Ele calou-se então e p s-se a ler jornais. O escritório, o Senhor Director, o macaco que veio   minha frente, a porta, o modo de ficar em silêncio e de estudar jornais, tudo, tudo me parecia demasiado suspeito e de mau aug rio. De repente, pediram-me o nome e a proveniência. Pensei que estava perdido, pois senti de uma só